

Eixo Temático ET-05-001 - Relações entre Educação, Ciência e Cultura

PRENÚNCIO DE CHUVAS POR ANIMAIS NA VISÃO DE MORADORES DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, BRASIL

Mariana Moreira Torres Nogueira; Diana Pontes da Silva

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um levantamento etnozoológico realizado em 06 comunidades rurais do município de Cuité, Paraíba, o principal objetivo da pesquisa foi analisar a percepção e interpretação do homem do campo acerca das mudanças comportamentais das espécies de animais quanto ao prenúncio dos períodos de chuva e seca. Esse estudo tem caráter qualitativo, Os participantes da pesquisa foram em sua maioria idosos, considerando que estes possuem uma maior experiência nesse tipo de observação. As espécies mais citadas como bons indicadores de período chuvoso ou seco foram as aves fura-barreiro e anu-preto, o aracnídeo aranha-caranguejeira, os insetos maribondo e o anfíbio sapo-cururu, sendo a vocalização e alteração nos hábitos, sobretudo reprodutivos, as características mais mencionadas ao longo da pesquisa. Foi constatado que esse conhecimento etnozoológico é bem distribuído na área, além de ser transmitido cotidianamente ou ao longo das gerações.

Palavras-chave: Bioindicadores; Levantamento etnozoológico; População rural.

INTRODUÇÃO

O Município de Cuité pertence aos domínios da Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro que se estende por todo o nordeste do país e em parte de Minas Gerais (ALVES et al., 2009).

A irregularidade climática é um dos fatores que mais interferem na vida dos habitantes das regiões do bioma Caatinga. Nesse contexto, os moradores de comunidades rurais adaptaram-se e aperfeiçoaram-se na observação de sinais como prováveis indicadores de estações chuvosas, constituindo uma das principais características dos sertanejos que dependem de uma estação chuvosa favorável para assim se prepararem antecipadamente para o início do cultivo de suas culturas alimentícias (ABRANTES et al., 2011; SILVA et al., 2013).

No entanto, com o aumento da racionalização e o aparecimento das previsões meteorológicas científicas, as gerações mais novas estão perdendo a identidade com a terra e os “avisos” tão preconizados pelos ancestrais vão diminuindo com o tempo. (ABRANTES et al., 2011).

Para Bruno e Martins (2008) a prática de retirar da natureza “os signos de um tempo por vir é colocar em obra uma relação com o visível em que o invisível está implicado”. Os “profetas” do tempo seguem critérios de observação e buscam significado em leituras de sinais como à posição dos planetas, no acasalamento dos animais, no canto dos pássaros, até mesmo em características do seu próprio corpo.

Com o crescente desuso dessas experiências estão perdendo-se ricas informações acerca do modo de vida de muitos animais, do tempo de cultivo de determinadas plantas, e até dos fatores que influenciam o ciclo de chuvas, que antes de serem validadas no meio acadêmico sofrem extinção, por meio da aculturação pela qual está passando o povo do semiárido.

OBJETIVO

O presente trabalho se propôs a realizar uma análise etnobiológica com os moradores de comunidades rurais de Cuité, no sentido de obter informações sobre o prenúncio de chuva a partir de sinais faunísticos, bem como auxiliar no resgate da importância desses métodos para as gerações subsequentes.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativa. A coleta de dados ocorreu em seis comunidades da zona rural do Município de Cuité-PB, durante os meses de

novembro e dezembro de 2012, através de aplicação de um questionário semiestruturado com perguntas específicas que respondem aos objetivos da pesquisa.

Foram entrevistadas 15 pessoas, entre homens e mulheres, na faixa etária de 21 a 70 anos, todas com residência fixa na zona rural, e com renda mensal proveniente da agropecuária. A aplicação do questionário ocorreu de forma que, em cada comunidade ou assentamento rural foram visitadas três residências em pontos diferentes da localidade.

Os dados foram confrontados com a literatura pertinente para análise das espécies e comportamentos mais frequentemente citados pelos sujeitos da pesquisa, e dispostos em categorias segundo a metodologia de Bardin (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para elaboração dos resultados os dados foram tratados e dispostos em categorias, onde a primeira exterioriza as espécies que prenunciam chuvas, a segunda aborda os comportamentos dos animais que pressagiam chuva, e a terceira traz visão dos entrevistados quanto à utilização dessas práticas pelas novas gerações.

Categoria I – Espécies que prenunciam chuva segundo os moradores rurais do Município de Cuité-PB

Foram registradas 16 espécies indicadoras de períodos chuvosos ou de seca. As mais frequentemente citadas foram o fura-barreira (*Nystalus maculatus*), o anum-preto (*Crotophaga ani*), a caranguejeira (*Lasiadora* sp), o maribondo (*Euscorpius flaviaudus*), o sapo-cururu (*Bufo marinus*). Aparecem com menor frequência a citação de aves como lavandeira (*Fluvicola negenta*), rolinha (*Columbina* spp), o sabiá (*Turdos rufiventris*), o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*), bacurau (*Hydropsalis albicollis*), galo e galinha (*Gallus gallus domesticus*), dentre os anfíbios foram referidos além do sapo-cururu (*Bufo marinus*) a perereca (*Hyla albopunctata*), os insetos mencionados foram a formiga (*Crematogaster* spp), a cigarra (*Cicada orni*) e abelhas (*Apis mellífera*).

Categoria II - Discursos dos moradores de Cuité-PB a respeito dos comportamentos dos animais que pressagiam chuva.

Na visão dos entrevistados as aves prenunciam chuva quando estão vocalizando, essa conclusão é feita com base em discursos como o do morador do sítio Gama que diz “as aves catam muito quando tá pra chover”. A lavandeira (*Fluvicola negenta*) foi mencionada por esse morador como uma das espécies que mais vocalizam nessa região quando as condições climáticas indicam chuva. A rolinha (*Columbina* spp) prenuncia chuva ao fazer seus ninhos sobre as plantas e quando põem muitos ovos.

A ave fura-barreira (*Nystalus maculatus*) prenuncia chuva de acordo com a localização do seu ninho, que geralmente são feitos nas paredes dos reservatórios, perto ou longe de onde passa o curso d'água, conforme os discursos: “Se ele fizer o ninho lá no alto da parede, o ano vai ser bom de chuva” (Morador da comunidade Sítio Cabeço). “Ele faz isso porque senão a água que vai chegar no rio leva o ninho dele” (morador da comunidade Sítio Jardim).

Outra ave citada foi o anum-preto (*Crotophaga ani*), que vocaliza de forma mais intensa no período que antecede a chuva. “Quando o sol tá se pondo ele chora, adivinhando a chuva” (moradora da comunidade Sítio Cabatã). Abrantes et al. (2011), afirma também que se o anum-preto vocalizar no período matutino a interpretação é de que haverá seca.

Observando os dados deste trabalho e dos trabalhos de Araújo et al. (2005), Abrantes et al. (2011) e Silva et al. (2013), os prenúncios das aves são em sua maioria baseados na vocalização, nidificação e reprodução.

A aranha caranguejeira (*Lasiadora* sp) indica chuva quando apresenta comportamento incomum segundo o morador da Comunidade Sítio Maribondo: “elas saem de noite porque a terra fica quente quando tá perto de chover”. Outra espécie citada que apresenta comportamento diferente nos dias que antecedem a chuva foi o sapo-cururu (*Bufo marinus*), de acordo com

morador da comunidade Sítio Comprido: “se o cururu aparecer na boca do buraco quando a terra tá seca, com três dias vem chuva”.

O período reprodutivo foi apontado como indicador mais eficaz de chuva, considerando que no período que antecede a chuva o acasalamento é intensificado. Segundo o morador do Assentamento Rural Brandão I: “Eles casam no inverno porque são sabidos, que aí os filhotes não morrem de fome.” Todos os informantes que citaram esse aspecto asseguraram a sua eficácia.

Magalhães (1952) observou que o período reprodutivo dos animais está ligado ao período chuvoso, pois é nesse período que há uma maior oferta de alimentos.

Categoria III - Uso, pelas novas gerações, dos sinais fornecidos por espécies de animais que prenunciam chuvas.

Conforme a maioria dos participantes desse estudo, as experiências com os animais para obter informações sobre chuva ou seca estão se tornando cada vez menos utilizadas, devido à facilidade com que as informações sobre o clima chegam ao homem do campo através da mídia. Tais informações podem ser obtidas por meio de programas de rádio e televisão, fazendo com que as gerações mais novas confiem menos na sabedoria popular, o que pode ser constatado nos discursos de moradores dos Sítios Jardim e Cabatã, respectivamente: “Hoje as coisas são mais fáceis, não é preciso mais usar dessas coisas”; “ninguém mais acredita nessas coisas não, a gente vê as notícias na televisão”

A visão dos moradores rurais de Cuité quanto à não utilização dessas experiências pelos mais novos devido ao aumento da globalização e modernização pode ser constatada também nos trabalhos de Amorozo (1996), Benz et al. (2000) e Voeks & Leony (2004, *apud* Abrantes et al., 2011). Para estes autores os mais jovens “estão perdendo a identidade com a terra e consequentemente não procuram mais no firmamento, nas floradas, nos cantos ou nas migrações dos animais os “avisos” tão preconizados pelos ancestrais”, esse aspecto é recorrente em outras partes do mundo.

No entanto, Silva et al. (2013) ressaltam o fato das condições climáticas do semiárido nordestino possuir, em relação a outras partes do Brasil, um sistema meteorológico complexo que proporciona muitos erros nas previsões meteorológicas, sendo considerado, portanto, o uso dos prenúncios de chuvas fornecidos por animais. Esta afirmação é mais um alerta quanto à importância dos saberes culturais a respeito das previsões fornecidas pela natureza.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados do estudo observa-se que os moradores rurais de Cuité possuem conhecimentos a cerca dos principais sinais fornecidos pelos animais que prenunciam chuva ou seca. Muitas das espécies registradas nesse trabalho também foram registradas por outros autores em seus trabalhos, realizados também na região do semiárido brasileiro, sugerindo que essa prática é comum e contínua na região do Nordeste.

No entanto, esses saberes estão cada vez mais restritos, sendo necessários estudos para fortalecer a perspectiva de bioindicação de chuvas na caatinga, buscando resgatar e conservar esses aspectos etno-faunísticos e culturais do homem do semiárido.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, P. M.; SOUSA, R. F.; LUCENA, C. M.; LUCENA, R. F. P.; PEREIRA, D. D. Aviso de chuva e de seca na memória do povo: O caso do Cariri Paraibano. **Revista Biofar.**, v. 5, n. 2, p. 18-24, 2011.
- ALVES, J. J. A.; ARAÚJO, M. A.; NASCIMENTO, S. S. Degradação da caatinga: uma investigação ecogeográfica. **Revista Caatinga**, v. 22, n. 3, p. 126-135, 2009.
- ARAÚJO, H. F. P.; LUCENA, R. F. P.; MOURÃO, J. S. Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no Município de Soledade-PB, Brasil. **Interciência**, v. 30, n. 12, p. 764-769, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRUNO, F.; MARTINS, K. P. H. Profetas da natureza: ver e dizer no sertão. **Intexto**, v. 1, n. 18, p. 1-12, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/6734/4036>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.; MELO, D. G. M. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, v, 27, n. 2, p. 389-394, 2011.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Infográficos-CUITÉ-PB. 2013. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250510>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

MAGALHÃES, J. Previsões Folclóricas das Secas e dos invernos no Nordeste Brasileiro. **Revista de Antropologia**, v. 33, p. 253-268, 1952.

SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; SOUZA, C. R. O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó Potiguar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 27, p. 87-107, 2013. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/29829/20673>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

RUOSO, D. A. Percepção climática da população urbana de Santa Cruz do Sul/RS. **RA'E GA**, v. 25, p. 64-91, 2012. <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/28004/18634>>. Acesso em: 10 mar. 2013.